CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
COM A LINHA DE SOMBRA
20 de junho de 2026

NOTRE MUSIQUE / 2004
(A Nossa Música)

um filme de Jean-Luc Godard

Realização e Argumento: Jean-Luc Godard / **Direcção de Fotografia**: Julien Hirsch / **Direcção Artística**: Anne-Marie Mieville / **Som**: Pierre André, Gabriel Hafner e François Musy / **Montagem**: Jean-Luc Godard / **Interpretação**: Sarah Adler (Judith Lerner), Nade Dieu (Olga Brodsky), Rony Kramer (Ramos Garcia), Simon Eine (embaixador), Jean-Christophe Bouvet (C. Maillard), George Aguilar (índio), Aline Schulmann (tradutora de espanhol), Ferlyn Brass, Juan Goytisolo, Mahmoud Darwich, Jean-Paul Curnier, Pierre Bergounioux, Gilles Pecqueux, Jean-Luc Godard (eles próprios), etc.

Produção: Avventura Films – Les Films Alain Sarde – Peripheria – France 3 Cinéma –Canal Plus – Television Suisse Romande – Vega Film / **Produtores**: Alain Sarde e Ruth Waldburger / **Cópia**: 35mm, cor e preto e branco, falada em francês e outras línguas, com legendas em inglês e eletronicamente em português, 79 minutos / **Estreia em Portugal**: Nimas, a 20 de Janeiro de 2005.

NOTRE MUSIQUE é mostrado com A STORY FROM AFRICA de Billy Woodberry (2019/folha distribuída em separado) |a sessão conta com a presença de Billy Woodberry, assinalando o lançamento do livro "Billy Woodberry", editado no contexto do programa de Junho de 2025 "Billy Wooberry | Realizador Convidado"

"A nossa música", o que é? Bom, é um filme que se chama **Notre Musique** e divide-se em três partes; a primeira chama-se "Inferno" é uma montagem de imagens de arquivo, extraídas de vários conflitos do século XX, onde se diz que a morte é "o possível do impossível" ou "o impossível do possível"; a segunda chama-se "Purgatório" e passa-se em Sarajevo, e mostra Godard na capital bósnia para participar num encontro de escritores; a terceira chama-se "Paraíso" e mostra o sítio a que uma rapariga que conhecemos no "Purgatório" chega depois de morrer, um local que é uma mistura entre as florestas do final de **Weekend** e a terra dos homens-livro do **Fahrenheit 451** de Truffaut, com a particularidade de este "paraíso" ser delimitado por arame farpado e guardado, do lado de fora, por marines americanos (o "Paraíso" guardado pelo exército americano, metáfora duma fabulosa ambiguidade).

Portanto, política e história – tudo aquilo que preocupa Godard desde que ele deixou de ser cinéfilo. "A nossa música", o nosso mundo (e lá estamos a "ler", o que neste caso deve ser particularmente desajustado visto que o título **Notre Musique** corresponde ao projecto de um filme sobre um músico que Godard devia ter feito mas não fez, apenas conservou o título). Mas não leremos muito mal se dissermos assim. O fim da cinefilia godardiana tem, aliás, muito a ver com a história, está expresso nas **Histoire(s) du Cinéma**: o cinema devia-nos ter ensinado a ver, devia-nos ter calejado o olhar para as mises-en-scène, mas ninguém foi capaz de "ver" o III Reich nem Auschwitz antes de terem acontecido. O cinema não evitou o Holocausto, não evitou os genocídios do século XX. Mais (e Godard aqui reencontra Deleuze): o III Reich foi em si mesmo uma espécie de apoteose cinematográfica. E o cinema tem, como hipotética redenção, a possibilidade de partir daí – e é donde **Notre Musique** parte, como nas últimas décadas muitos filmes de Godard têm partido.

O filme é um lamento, um requiem, uma partitura da desesperança e do desencanto. Um filme de depois da crença. Como de costume, a interpelação que Godard faz da história e dos assuntos de

política segue uma via que é, à falta de melhor termo, poética, atenta às palavras e aos seus sentidos, e sobretudo aos nomes. Aproxima coisas, faz "montagem" com a história; comenta, por exemplo, a propósito do extermínio dos índios americanos, que esse povo nunca teve um nome, são os "índios vermelhos" porque Colombo os tomou por quem não eram e não sabia que outra coisa lhes chamar. Campo/contracampo: a civilização ocidental, o "campo", apagou o seu "contracampo". Eis o pecado original segundo Godard, que o mundo ainda expia. É a mesma lógica que lança, no filme, a questão israelo-palestiniana (e é, também, há coisas que não mudam, a questão mais sensível do filme, e a mais discutida na época da estreia). Retoma-se a "teoria da estereofonia" gizada em **JLG/JLG**: o nazismo "projectou" Israel, Israel "projectou" a Palestina. Os povos são "projectados" – atenção aos sentidos da palavra "projectar" – por outros. De certo modo, está perto daquilo que diz o poeta palestino Mahmoud Darwich, uma das presenças no filme, na secção de Sarajevo: "*temos sorte que o nosso inimigo seja Israel, porque o mundo se interessa pela questão judaica, e é graças a esse interesse que existimos*". Esta teoria da "projecção" dos povos ecoa ainda, obviamente, na escolha de Sarajevo como cenário, não só porque reenvia para a guerra da implosão jugoslava como relembra o cosmopolitismo étnico e religioso que caracterizava a cidade até aos anos 90.

Os momentos mais fascinantes de **Notre Musique** são aqueles em Godard dá azo ao seu talento para construir pequenos "ensaios" teórico-práticos a partir de imagens, de cinema ou de fotografia. Um sobre Israel e a Palestina, demonstração da sua teoria do campo e do contracampo. Outra, mais violenta, a partir de imagens de prisioneiros de campos de concentração, onde Godard joga com os nomes e com as designações, com a sua precisão ou com a sua não menos terrível incerteza. Numa entrevista, Godard comentou assim: "*Ponho uma foto de um judeu deportado e escrevo por cima 'judeu', duas imagens depois ponho a foto de um cadáver ambulante em grilhetas e escrevo 'muçulmano'. Dir-me-ão: 'Mas isso é nojento, porque a história dos palestinos não é a história do holocausto dos judeus'. Mas se eu escrevo 'muçulmano' é porque em Auschwitz os judeus eram alcunhados de 'muçulmanos'. Além do mais, Hollywood era conhecida como a Meca do cinema*". Isto é texto extra-filme, é verdade, mas exemplifica bem o tipo de aproximações que Godard efectua, uma espécie de exploração das contradições da História, ou se calhar melhor, do seu nonsense: as palavras e os nomes pregam partidas.

Ainda nesta linha de exercícios, o mais fascinante: uma fotografia de uma cidade arrasada, que Godard (numa conferência) desafia os espectadores a adivinharem. Sarajevo, dizem, Hiroshima, Berlim, entre outras cidades martirizadas. "Não", responde Godard, "Richmond, Virgínia", em mil oitocentos e sessenta e tal. Na destruição é tudo igual, na morte idem – no fim de contas, é a única aproximação possível, a "legenda" não serve (não devia servir) para nada, um morto é um morto, cem mil são cem mil, e o seu significado é esse.

Resistamos a prosseguir nesta via "descodificadora", votada ao fracasso. **Notre Musique** não se descodifica: toma-se como um bloco que assusta, fascina, irrita, entusiasma. Acrescente-se só que Godard filma a cidade de Sarajevo com uma melancolia inexcedível, e afinal recorrendo quase sempre às mesmas coisas de há décadas: automóveis que arrancam, automóveis que partem, gente que entra e sai deles, um travelling aqui e ali, frases soltas e desconexas. E um pouco de cinema de vez em quando, como qualquer coisa que vem do inconsciente, qualquer coisa insuficientemente recalcada: "você já foi picado por uma abelha morta?".

Luís Miguel Oliveira